

# Alémanta disponibiliza 1.750 mil euros para gestão de riscos de calamidades

Por ANTÔNIO CHIMUNDO

O Governo alemão, através da Agência Técnica Alemã (GTZ), acaba de disponibilizar um valor monetário estimado em 1.750 mil euros para a execução de ações inscritas no projeto de gestão de riscos de calamidades (Pro-GRC), que arrancou em Janeiro último, prevendo-se que

termine em Dezembro do próximo ano, segundo disse há dias o respectivo coordenador, Wolfgang Shebens, à margem do curso intensivo de capacitação, no Buzi, província de Soçala, de 47 secretários permanentes (SP) dos distritos vulneráveis a cheias, secas, ciclones e sismos.

Também existem 200 mil euros desembolsados pelo Munich Re Fundação, para as ações de transmissão para a baía do Save, de experiências da baía do Buzi, em termos da gestão de riscos de calamidades, pois se encontra instalado o Sistema Interdistrital de Aviso Prévio.

Ana Cristina Manuel, directora do departamento de prevenção e mitigação de calamidades no Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC), disse, por sua vez, que as acções que estão em curso visam a redução de um estado de prontidão para a redução dos efeitos negativos das calamidades.

Segundo ela, a formação de diferentes actores, na base, a exemplo de comunidades e funcionários, entre outros, é uma das prioridades para a conceptualização da iniciativa, inserida no plano director do INGC, da dez anos.

"Entendemos que a prevenção de calamidades tem que partir das comunidades, já nos distritos, províncias, até ao nível nacional. Os distritos têm que estar capacitados, ter técnicos formados para levar a

cabo estas actividades de prevenção no terreno e os distritos têm que ser capazes de gerir os riscos, de acordo com aquilo que é ameaça nesta região" — sublinhou, referindo que "este é que é o nosso objectivo, portanto, de criar estado de prontidão da base até ao nível nacional".

De acordo com as suas palavras, "a criação que estamos a dizer é um processo, mas agora estamos a formar os técnicos que vão ao terreno para dinamizar as acções e a nossa vontade é que daqui a cinco anos tenhamos criado esta estrutura tão importante, pois este é um dos grandes objectivos do nosso plano director".

Explicou que para a redução do impacto, há acções que devem ser feitas antes, durante e depois da ocorrência das calamidades. Uma das medidas é a realização do curso de capacitação, por exemplo, de

secretários permanentes dos distritos vulneráveis a diferentes calamidades. Foram formados em matérias de gestão de riscos de calamidades 250 técnicos dos distritos que se encontram representados pelos SP.

A primeira classificação feita pelo INGC indica que no país existem 52 distritos vulneráveis a calamidades, previstos no plano director do Conselho de Ministros.

Para as acções em curso de prevenção e mitigação de calamidades, o INGC conta com experiências de alguns países parceiros, que têm apoiado a este instituto, a partir da criação de comités de gestão de riscos e de Centros Operativos de Emergência, nomeadamente da América Central, no caso de Guatemala, Honduras, El Salvador e Nicarágua.

"São países pobres como Moçambique, com imensas situações de calamidades, mas eles conseguem gerir os riscos com os recursos

possíveis, daí que nós optamos pelos seus modelos" — acrescentou.

O curso, que hoje encerra, é promovido pelo Ministério de Administração Estatal, em coordenação do INGC e Pro-GRC, estão alguns técnicos de El Salvador e Guatemala, que estão a transmitir as suas experiências em termos de gestão de riscos de calamidades, aos SP.

O administrador do Buzi, Sérgio Moliana, sublinhou que quando das cheias desta ano e o ciclone "Fátio", valeu a pena a experiência na gestão de riscos da calamidades, que o impacto não foi muito negativo. Foram afectados nove mil famílias que actualmente estão no processo de construção de casas.

Discursando na abertura do curso, Ana Cristina Manuel defendeu que "entre a gestão de riscos de calamidades e o desenvolvimento deve haver um bom casamento".

"Por detrás de um grande

depostos e represas para a captação e retenção das águas das chuvas e já foram instalados pequenos sistemas de irrigação.

O director nacional adjunto do INGC, João Ribeiro, e os administradores dos dois distritos vizinhos, semana passada, os locais onde estas iniciativas estão a ser desarrançadas.

No contacto com os camponeses locais, Ribeiro explicou a importância de se adoptar diversos sistemas de retenção de água para humedecer os solos que são usados para cultivar hortícolas, que são a base da subsistência dos camponeses.

Na ocasião, o administrador

desenvolvimento, tem que estar uma grande gestão de calamidades,

porque o plano do Governo define que o distrito é o foco de desenvolvimento e se este ou esses distritos estão ameaçados pela calamidades, nada conseguiremos o desenvolvimento, pois podemos construir escolas, unidades sanitárias, mas as cheias podem carregar tudo que existe e assim voltamos à estaca zero e nunca vamos para a frente, porque no nosso país ocorrem calamidades cíclicas" — explicou Ana Cristina Manuel, do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC).

Se assim acontecer, acrescentou, estar-se-á a gastar o dinheiro na construção de muros infra-estruturas, quando deveria destinar-se às acções que visam o desenvolvimento do país. "Por isso, é preciso que saibamos gerir os riscos de calamidades no nosso país" — destacou.

Zimane, no distrito de Mabote, Anáio Litliliss, disse existirem zonas onde praticamente não chove como é o caso de Mangueira e Nquizaza.

"A realidade daqui da zona mostra que só com a agricultura não podemos ir para frente, porque a seca é sempre constante" — disse, apontando que "precisamos, de facto, de organizar os artesãos, aqueles que sabem fazer estêtas, colheiras de pau e outras coisas, para complementar esta agricultura de subsistência que não está a render nada".

"Podemos incentivar também aqueles que sabem fazer artesanato

## Insegurança alimentar em Funchalouro e Mabote

Uma equipa multisectorial está a identificar alternativas para levar a ameaça de insegurança alimentar que paira nos distritos de Funchalouro e Mabote, na província de Inhambane.

A equipa, envolvida técnicos do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC), dirigentes governamentais a nível distrital, líderes comunitários, artesãos e camponeses.

Os dois distritos estão situados nas zonas semi-áridas com condições desfavoráveis a práticas da agricultura, nomeadamente o interior da

provincia de Inhambane. Nasquelles distritos foram já identificados alguns locais húmidos onde foram abertos túros de captação de água e se exploram os terrenos adjacentes para a horticultura de curta duração.

No âmbito da implementação do plano director de gestão de calamidades naturais, cuja essência é reduzir a vulnerabilidade das populações nas regiões de risco, o INGC procede, em Funchalouro e Mabote, ao levantamento de actividades não de actividade agrícola como é o caso da avicultura, artesanato, e do fomento pecuário.

Na ocorrência de fenómenos naturais

# notícias

Director: Rogério Siteo. Maputo, Sexta-Feira, 7 de Setembro de 2007  
<http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/contentx/69451/20070907>

[Homepage](#) > [Política](#) > SP apostam na formação Sobre clamidades naturais

## Política

### SP apostam na formação Sobre clamidades naturais

SECRETÁRIOS Permanentes(SP), proveninetes de alguns dos 47 distritos vulneráveis às calamidades naturais no país defenderam semana passada no final do quinto curso intensivo sobre a matéria, havido na sede distrital do Búzi, em Sofala, a necessidade de haver uma contínua formação e reverência sobre os aspectos ligados à mitigação dos desatres naturais no país.

Maputo, Sexta-Feira, 7 de Setembro de 2007:: Notícias

Defenderam igualmente que os cursos devem ser extensivos aos líderes tradicionais e religiosos, nomeadamente ao nível dos postos administrativos e localidades pois, conforme justificaram, são estes que lidam em primeiro lugar com as pessoas que geralmente são assoladas pelas calamidades antes de qualquer outra autoridade.

Também mostraram-se bastante impressionados com a experiência apresentada pelo distrito anfitrião quanto à prevenção dos desastres naturais, onde já existem 14 comités locais de gestão de risco de calamidades e que a aprendizagem, segundo os nossos entrevistados, será tomada de exemplo em todos os distritos.

Para Mariana Eugênio Chilaule, secretária permanente do distrito de Caia, em Sofala, a combinação de exercícios práticos com exemplos para aplicar a teoria adquirida “é uma componente chave da metodologia de trabalho que aprendemos pois procura a maior clareza e motiva uma participação activa das pessoas, além do envolvimento concreto na aplicação dos conteúdos e permite ainda que possamos reflectir entre as comunidades e as autoridades do distrito, mormente sobre a monitoria das ameaças das calamidades”.

João Buramo Baite, do distrito do Chinde, na Zambézia, disse ter ficado impressionado com o curso adiantando que “vou implementar o que aprendi aqui na minha região com bastante clareza já que trabalhava muitas vezes sem conhecimento teórico de liderança sobre calamidades”.

“Fiquei impressionado e tudo o que aprendi vou transmitir aos meus colegas para que possamos conjuntamente mitigar com facilidade as calamidades que ocorrerem

na nossa região. Também sou de opinião de que deveria haver mais cursos do gênero devendo ser mais abrangentes e não só ao nosso nível mas também ser extensivos aos líderes tradicionais, porque são eles que antes que ninguém lidam com as populações vítimas das calamidades"- anotou.

Tal como este, Lúcia Eulália Salimo, do distrito de Mecula, na província do Niassa, também considerou a formação de "muito benéfica" adiantando que "a partir desta formação e das experiências que aprendemos vamos criar localmente os comités de gestão de calamidades pois sempre temos sofrido inundações no nosso distrito e os subsídios fornecidos nesta formação vão permitir melhor intervenção em caso de ocorrência de qualquer desastre natural".

Carla Francisco, de Mopeia, na Zambézia, outro distrito que sofre bastante das calamidades naturais afirmou, por seu turno, que " para nós que já tinhamos comités de gestão de risco de calamidades esta formação veio a dar mais subsidios para melhor mitigação e deve ahaver mais eventos do gênero para que se possa trabalhar com conhecimentos sólidos em caso de ocorrência de qualquer desastre natural".

Para Flora José Massuco, do distrito do Bilene, em Gaza, o curso "foi bastante positivo pois tratou de assuntos pertinentes à realidade das calamidades sobretudo quanto a sua prevenção e vamos consolidar os quatro comités de gestão de risco de calamidades já existentes e expandí-los à todas as regiões propensas, além de planificarmos nos nossos planos de contingência todas as acções nesse sentido".

Já Arlindo Mário, secretário permanente do distrito de Inharrime, na província de Inhambane, opinou que os pacotes ministrados foram bastante positivos. "Foi um curso bastante bom e os subsidios que aprendemos vão, certamente, contribuir para que possamos trabalhar de forma mais lúcida na prevenção das calamidades e podemos criar mais comités para sua gestão a nível das comunidades, a exemplo do que já existe no distrito do Búzi, pois temos também várias zonas propensas às calamidades como as de Nhapadiane".

Por sua vez, o secretário permanente distrital de Macomia, na província de Cabo Delgado, assegurou ter saído daquele curso com mais conhecimentos sobre a mitigação das calamidades sustentando adiante que " este tipo de formação não só deveria ser feita para estes níveis mas sim deveria ser extensivo aos líderes tradicionais e chefes dos postos administrativos, bem como religiosos porque o que seria mais-valia em caso de surgimento de catástrofes naturais porque as autoridades comunidades são as que se lidam directamente com as pessoas afectadas".

- ANTÓNIO JANEIRO

# notícias

Director: Rogério Siteo. Maputo, Quarta-Feira, 12 de Setembro de 2007  
<http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/contentx/70057>

## Nacional

---



### **Criar prontidão para enfrentar as calamidades - alerta o INGC**

O PAÍS deve criar um estado de prontidão para fazer face às calamidades naturais que em muitas regiões do país ocorrem de forma cíclica, afectando milhares de pessoas, além de destruir culturas e infra-estruturas socioeconómicas. Esta posição foi tomada pela directora do Departamento de Prevenção e Mitigação das Calamidades no Instituto Nacional de Gestão das Calamidades (INGC), Ana Manuel, que falava recentemente num curso intensivo sobre a matéria, destinado aos secretários permanentes distritais que se realizou no distrito de Búzi, província de Sofala.

Maputo, Quarta-Feira, 12 de Setembro de 2007:: Notícias

Segundo a fonte, também há que fazer um casamento perfeito entre o desenvolvimento que se pretende em cada região e a gestão de desastres naturais sob o risco dos objectivos não serem alcançados.

Para ela, o país deve estar preparado para suprir ou minimizar as calamidades que possam ocorrer, daí a importância de se criar uma capacidade de resposta a partir dos distritos.

É neste quadro, segundo a fonte, que se enquadra a capacitação dos distritos para que possam desenvolver mecanismos de gestão de riscos e resposta às calamidades.

Citou o popular ditado que diz que por detrás de um grande homem há uma grande mulher para afirmar que o desenvolvimento distrital passa também por os distritos disporem de capacidade para a gestão de risco de calamidades.

Por seu turno, o administrador local, Sérgio Moiane, mostrou-se rigozizado pelo facto daquela região acolher o evento daquela envergadura, tendo reconhecido o trabalho feito para que o distrito pudesse desenvolver mecanismos de gestão e resposta às calamidades.

Mesmo assim, segundo a fonte, o ciclone “Fávio”, atingiu o distrito afectando nove mil famílias e destruindo sete mil hectares de culturas diversas.

“Mas vale-nos a experiência que o distrito possui na gestão do risco de calamidades, sobretudo do Sistema Interdistrital de Aviso Prévio (SIDPABB)”- referiu, juntando que neste momento decorre o processo de fabrico de tijolos e construção de casas para 419 famílias.

Por seu turno, Wolfgang Stiebens, coordenador do Projecto de Institucionalização da Gestão de Risco de Calamidades em Moçambique, considerou extremamente importante o evento atendendo que o distrito é o pólo de desenvolvimento.

Anotou ainda a necessidade de se ter em conta a experiência do distrito do Búzi nesta matéria.

O curso envolveu um total de 47 secretários permanentes dos distritos vulneráveis às calamidades.